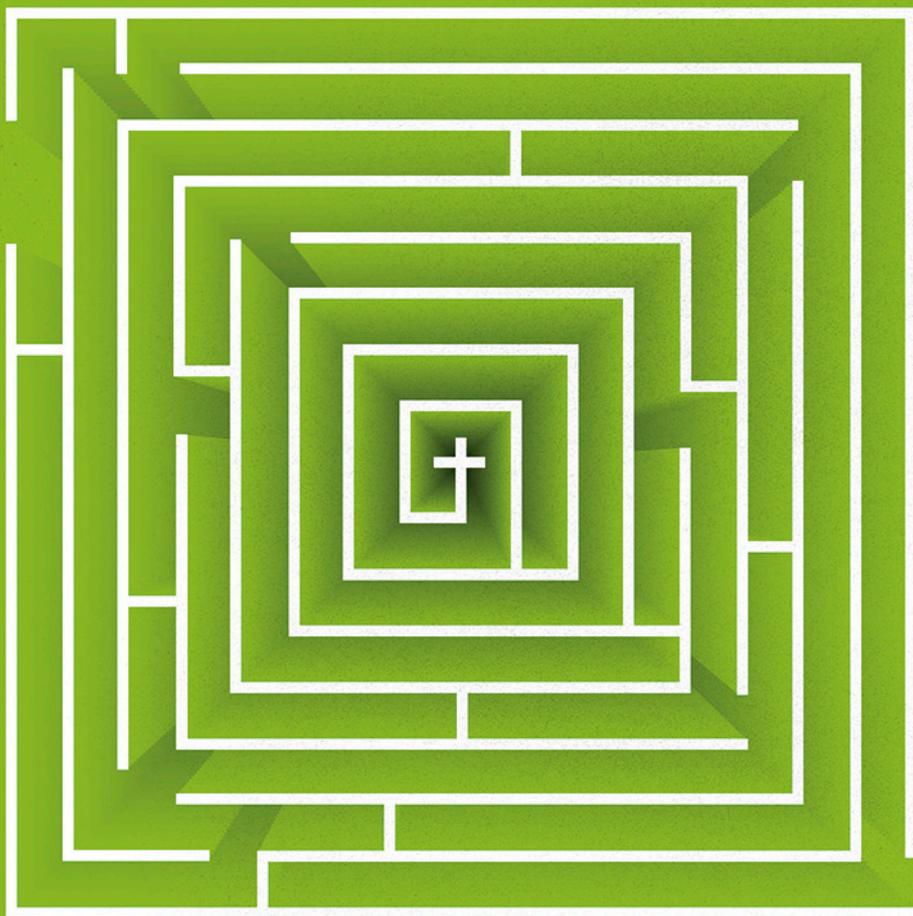


KEVIN DEYOUNG


VIDA NOVA

CRISTIANISMO IMPOSSÍVEL



SEGUIR JESUS NÃO EXIGE QUE VOCÊ MUDE O MUNDO, SEJA ESPECIALISTA EM TUDO, ACEITE O FRACASSO ESPIRITUAL OU SE SINTA INFELIZ SEMPRE

Cristianismo impossível aborda a maioria das questões difíceis da prática da vida cristã. Ele ataca objeções e problemas frontalmente. DeYoung discute questões que a maioria de nós preferiria não abordar. Você pode não concordar com todas as conclusões dele, mas terá de apresentar argumentos bíblicos para refutá-las e isso não será um trabalho fácil. Esse é um daqueles livros que as pessoas vão discutir por um longo tempo. Excepcionalmente claro, direto e envolvente.

Derek W. H. Thomas, pastor sênior da First Presbyterian Church em Colúmbia, na Carolina do Sul, Estados Unidos, professor-chanceler do Reformed Theological Seminary, professor colaborador nos Ministérios Ligonier.

Esse livro foi escrito para o cristão que acredita ser normal (e até mesmo correto) sentir certa culpa e ter a consciência ligeiramente pesada, e que vê esse sentimento negativo como prova de sua própria virtude. DeYoung está aqui para lembrá-lo de que Jesus o libertou para que você possa, com uma consciência limpa, agradecer a seu bom Pai celestial. Deus sorri diante dos esforços cotidianos de seus filhos.

Abigail Dodds, autora de *Bread of life, Mulher (a)típica* (Fiel) e *A student's guide to womanhood*.

SUMÁRIO

Introdução

O cristianismo deve parecer impossível? 11

Capítulo 1

Como (não) tornar o cristianismo possível 21

Capítulo 2

Quem vence o mundo? 33

Capítulo 3

Nunca é o suficiente 49

Capítulo 4

O camelo na sala 63

Capítulo 5

A infinita extensibilidade da culpa 79

Capítulo 6

O Sermão do Monte (da miséria?) 93

Capítulo 7

Por favor e obrigado 105

Capítulo 8

Uma vida sossegada 121

Índice remissivo 133

Índice de passagens bíblicas 139

INTRODUÇÃO

O cristianismo deve parecer impossível?

Sempre gostei de correr, embora a corrida nem sempre tenha retribuído esse meu sentimento.

Pode ser difícil de imaginar, dada minha atual presença física intimidadora, mas eu não era um grande atleta quando criança. Joguei muito beisebol como campista direito e passava a maior parte do tempo enchendo meu boné de grama. Também joguei futebol. Eu era goleiro e ficava tão no fundo da rede que, quando eu pegava uma bola, já era gol. Joguei um ano de futebol americano e nunca encostei em ninguém (o que poderia ter sido ótimo, se não fosse o fato de que eu jogava na defesa). Fraturei os dois pulsos jogando basquete recreativo. Tive várias concussões jogando hóquei. Acho que fui eliminado até na queimada.

Mas eu não era péssimo em corrida. Quando era criança — na época em que os pais e professores não estavam tão preocupados em impedir que os jovens enfrentassem fracassos esmagadores na vida —, tínhamos de fazer anualmente o teste de aptidão física presidencial. Essa avaliação, pelo menos a que nossa escola aplicava, combinava flexões, abdominais, barra fixa, salto em distância em pé, escalada de corda, teste de flexibilidade e uma corrida de um quilômetro e meio. Em comparação com os meninos de minha série, eu estava na média ou abaixo da média na

maioria das modalidades. A escalada de corda era minha inimiga mais temível. (“Ô, garoto! Sobe essa corda até o teto do ginásio, dá só uns três andares. Não se preocupe, tem este tapete pequeno e fino no chão, caso você caia de uma altura de 7 metros e meio. E, se você chegar ao topo, pode tocar um sino e depois queimar o interior das coxas enquanto escorrega de volta até o chão.”). Considerando o quanto eu era medíocre, no geral, e o quanto estava desesperado para que o presidente Reagan reconhecesse minha aptidão física, fiquei agradavelmente surpreso quando fui um dos primeiros meninos a terminar a corrida.

Naquela tarde, decidi que meu esporte seria a corrida. A maioria dos jovens sonha em jogar na NBA ou na NFL. Meu sonho era virar o jogo na última perna do revezamento 4 x 400 e conquistar a medalha de ouro para a equipe dos EUA. Sempre quis estar na minha posição inicial de uma corrida sabendo que eu poderia correr mais rápido do que todos os outros competidores. Nunca tive essa sensação, pois minha realidade estava muito distante disso. Se Eric Liddell sentia o prazer de Deus quando corria, eu muitas vezes senti Deus me dizendo: “Não largue seu emprego, você não nasceu para correr”. Ainda assim, sempre me lembrarei das corridas em volta dos campos de beisebol e futebol, na escola primária, e do orgulho que sentia ao vencer a maioria dos corredores de minha série.

Isso foi há mais de 35 anos, e desde então tenho me esforçado para progredir na corrida, com um sucesso bem modesto. Corri durante o gélido inverno de Michigan,

INTRODUÇÃO

quando estava terminando o ensino fundamental, a fim de me preparar para minha primeira temporada de corridas de verdade. Marquei 2min35s nos 800 metros, quando estava no oitavo ano. Pesquisei qual era o recorde do ensino médio na grande escola pública que eu frequentava — a impressionante marca de 1min55s — e estabeleci minha meta de quatro anos. Tudo o que eu tinha de fazer era baixar 10 segundos por ano, e bateria o recorde da escola quando fosse um veterano. Atingi a meta no primeiro e segundo ano. E foi só isso. Descobri que os últimos 20 segundos são muito mais difíceis de eliminar do que os 20 primeiros.

Com muita disciplina, dedicação e um corpo naturalmente magro (prefiro “atlético”), consegui algumas vezes ser o melhor dos corredores de segunda categoria ou, de vez em quando, o pior entre os realmente bons. Eu fiz parte do time dos melhores reservas em *cross country* no segundo ano do Ensino Médio, antes que as lesões arruinassem meu desempenho, nos dois últimos anos. Eu era tão “bom” na pista que acho que tentei todas as provas pelo menos uma vez. Acabei concentrando-me nos 110 metros com barreiras, em que pernas longas e uma forma física decente poderiam compensar uma falta de velocidade natural. Ganhei umas duas corridas e competi um ano na faculdade. Claro que a faculdade era da terceira divisão da NCAA, mas eu venci uma corrida da NCAA, um fato que mencionei muitas vezes à minha desinteressada família. Cheguei às finais de conferência na corrida

de obstáculos e terminei em último. Como eu disse, o pior entre os realmente bons.

Agora, firmemente assentado na meia-idade, continuo a correr e a me exercitar regularmente. Li dezenas de livros sobre corrida. Assisti a dezenas de vídeos do YouTube e a mais competições de atletismo na TV do que qualquer pessoa que eu conheça. Comprei muitos equipamentos de corrida de primeira linha — tênis, bonés, meias especiais e shorts curtos (curtos demais, segundo minha mulher). Particpei de corridas de rua e triatlos de várias distâncias. Às vezes, termino perto do topo em minha faixa etária. Outras vezes, mal consigo terminar o trajeto. Comparado com alguém que só levanta do sofá para participar da corrida do peru de Ação de Graças, eu estou muito bem. Mas se me compararem com corredores sérios... bem, não sou um corredor sério. Estou fazendo o melhor que posso com meu tempo, habilidade e oportunidades limitadas. A boa notícia é que, se o meu tempo na corrida de 5 km não ficar mais lento nos próximos trinta anos, serei um corredor de primeira classe.

Cristianismo possível

Nesta altura, alguns de vocês estão pensando: “Ah, conte mais histórias sobre corridas!”, enquanto os outros 99% gostariam que eu tivesse torcido o tornozelo e nunca tivesse terminado aquela corrida na escola primária (não se preocupem, torci o tornozelo muitas vezes). Mas, acreditem

INTRODUÇÃO

ou não, minha jornada como corredor tem tudo a ver com o título deste livro. Muitos cristãos esperam (e aceitam) que ser um discípulo de Jesus seja algo muito parecido com minha experiência de 35 anos com a corrida. Você lê os livros. Você assiste aos vídeos. Consegue o equipamento certo. Tenta ser disciplinado. Tenta melhorar. Mas o sucesso é apenas moderado.

Talvez você esteja seguindo Jesus há muitos anos, quem sabe desde criança. Às vezes você se sente um vencedor, mas na maior parte do tempo se sente um crente medíocre ou abaixo da média. Você não está a ponto de deixar de ser cristão. Você sabe que ser cristão é importante. Na verdade, é a coisa mais importante de sua vida. Você gosta de ser cristão e está disposto a se esforçar para ser melhor. O único problema é que o cristianismo parece impossível.

Quero depressa acrescentar um esclarecimento importante, para que você não entenda mal qual é o argumento deste livro. Você pode estar pensando: “Ah, então este é mais um livro explicando que a justificação é somente pela fé; mais um livro sobre como o evangelho é uma boa notícia para pessoas sobrecarregadas; mais um livro mostrando que Deus nos ama, embora sejamos espiritualmente fracassados”. Não exatamente. Eu *realmente creio* na justificação somente pela fé — de todo o meu coração, alma, mente e força. Eu *realmente creio* que o evangelho é uma boa notícia para pessoas sobrecarregadas — e muitos de nós estamos exaustos. Mas não é disso que este livro fala, pelo menos não diretamente. O tema deste livro é a última

parte da frase anterior, aquela que diz que “Deus nos ama, embora sejamos espiritualmente fracassados”. Este livro é sobre como essa frase, por mais bem-intencionada que seja, é antibíblica, imprecisa e inútil.

Às vezes, nós ficamos confusos quanto ao que significa seguir a Jesus. Com certeza não obtemos mérito com Deus. Como criaturas caídas, nunca seremos bons o suficiente para merecer o céu. A salvação é pela graça, do início ao fim. Mas nossa satisfação com a graça de Deus não significa que devemos ficar satisfeitos com nossa condição de fracassos espirituais. Ele não quer que fiquemos mal o tempo todo; que sejamos discípulos sem brilho; que nos sintamos constantemente sobrecarregados nem culpados a todo instante. Deus não quer que o cristianismo seja impossível.

Muitos cristãos resignaram-se ao fato — ou àquilo que parece um fato, pelo menos — de que serão fracassados como seguidores de Jesus. Perdoados, sim. Justificados, sim. A caminho do céu, sim. Mas, como discípulos e cristãos, nada de especial. Assim como minha carreira na corrida, trabalharemos duro e desfrutaremos de algumas realizações modestas. Faremos o melhor possível com nosso tempo, nossas habilidades e oportunidades limitadas. E, no entanto, nunca teremos os dons necessários para sermos verdadeiramente bem-sucedidos. Não obedeceremos perfeitamente aos Dez Mandamentos. Não seguiremos plenamente o Sermão do Monte. Nunca vamos orar o suficiente. Nunca daremos o suficiente.

INTRODUÇÃO

Nunca compartilharemos nossa fé o suficiente. Não transformaremos nossa cidade. Não resolveremos todos os problemas que afligem nosso país. Não mudaremos o mundo.

Certa vez, ouvi um conhecido escritor cristão afirmar que, na verdade, todo autor tem somente um livro. Espero que isso não seja uma verdade absoluta, mas ele estava certo ao sugerir que os autores, em sua maioria, têm uma grande ideia que encontra seu caminho em quase tudo o que escrevem. Ao pensar em outros livros que escrevi, ocorre-me que o tema explícito deste livro tem estado implícito em muitos de meus outros livros. E o tema é este: seguir a Cristo nunca é fácil, mas não precisa ser impenetravelmente misterioso, complexo ao extremo e fonte implacável de culpa. Pessoas normais podem andar na vontade de Deus (*Faça alguma coisa*)¹ e viver uma vida santa (*Brecha em nossa santidade*)² sem entrarem em um frenesi constante (*Super ocupado*).³ Devemos exaltar as igrejas alinhadas com a vontade de Deus (*Por que amamos a igreja*),⁴ e a missão da igreja não engloba tudo o que existe debaixo do sol (*Qual a missão da igreja?*).⁵ Cristãos comuns e igrejas comuns podem ser fiéis, frutíferos e agradáveis a Deus. Em suma, o cristianismo não tem de ser impossível.

¹São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

²São José dos Campos: Fiel, 2021 (2. ed).

³São José dos Campos: Fiel, 2018.

⁴São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

⁵São José dos Campos: Fiel, 2018.

A corrida que todos nós temos de correr

Recentemente, minha filha de dez anos participou de uma corrida de 5 km com uma amiga da mesma idade. Era sua primeira corrida, e elas estavam super agitadas e nervosas. Antes de minha filha sair para a corrida, olhei em seus olhos e disse, com intensidade forçada, para que ela soubesse que eu estava falando meio sério, meio brincando: “Quero que você se lembre de três coisas: Jesus ama você, eu amo você, e você é uma DeYoung”. Foi minha forma exagerada de mostrar que eu estava orgulhoso dela e que ela se sairia muito bem. É claro que ela não se classificou para as Olimpíadas e não foi a mais veloz. Ela teve de diminuir o ritmo e andar uma ou duas vezes. Mas ela *realmente* se saiu muito bem. Ela não foi um fracasso. Eu não estava mentindo quando disse que a amava, e a elogiei por correr uma distância tão grande e com tanta velocidade. Que pai diria uma coisa diferente à sua filhinha?

É verdade que, se ela continuar correndo, tentará melhorar. Talvez ela se torne melhor que seus irmãos; talvez fique na retaguarda do grupo. De qualquer forma, se ela correr do jeito certo e pelas razões certas, ficarei orgulhoso. Ela não será um fracasso a meus olhos. E nós também não temos de viver como se fôssemos um fracasso aos olhos de Deus. Ele nos salva por sua graça, nos dá um novo nome e depois nos manda deixar de lado todo peso e correr a corrida que nos é proposta, com uma

INTRODUÇÃO

multidão de testemunhas nos aplaudindo ao longo do caminho (Hb 12.1).

Seguir a Cristo implica sofrimento e perseverança. O chamado do discipulado cristão é um custoso (e libertador) chamado para morrermos para nós mesmos. O cristianismo não é nem simples nem livre de sofrimento, mas seguir a Jesus não significa se alistar nas Forças Especiais de Missões Impossíveis. Humildade não significa que devemos sentir-nos desprezíveis o tempo todo; mansidão não é sinônimo de derrotismo espiritual. O Espírito trabalha dentro de nós. A palavra move-se entre nós. O amor de Cristo instiga-nos. “Quem vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?” (1Jo 5.5).

Como cristãos, temos uma corrida diante de nós, e *podemos* corrê-la. Esse é um tema recorrente nas cartas de Paulo (por isso, se você não gosta de analogias com corridas, reclame com ele). Paulo correu com propósito, disciplina e autocontrole. Ele sabia que podia acontecer de correr mal, mas também sabia como evitar ser desclassificado (1Co 9.26-27). Chegando ao fim de sua vida — uma vida imperfeita, cheia de pecado e luta —, Paulo não hesitou em concluir que havia lutado o bom combate, terminado a corrida e guardado a fé (2Tm 4.7). Esse “principal dos pecadores” entendeu que lhe estava reservada a coroa da justiça, a qual o Senhor, o justo juiz, lhe concederia naquele dia — e não apenas a ele, mas também a todos que amassem a vinda do Senhor (4.8). Paulo não considerava a corrida cristã um labirinto sem

CRISTIANISMO IMPOSSÍVEL

saída nem uma ultramaratona à qual apenas alguns poucos capazes poderiam sobreviver. Ele acreditava que a corrida em que estava — a corrida que completou — era um privilégio. Ele também acreditava que era algo possível de ser realizado.

1

COMO (NÃO) TORNAR O CRISTIANISMO POSSÍVEL

Sim, *Carruagens de fogo* é meu filme favorito. Com corridas, missões e sotaques escoceses, como poderia deixar de ser? Mas, embora *Carruagens de fogo* seja meu favorito de todos os tempos, *Babe, o porquinho atrapalhado* está definitivamente na minha lista dos dez melhores filmes.

Babe é um porquinho de fazenda que quer ser um cão de pastoreio. Embora os outros animais façam pouco de Babe e os treinadores de cães de pastoreio o considerem um ultraje, o dono de Babe, o fazendeiro Hoggett, acredita nele. No clímax do filme, o fazendeiro Hoggett inscreve Babe em uma competição nacional de cães de pastoreio. Tudo está contra Babe. A mulher do fazendeiro sente-se humilhada, a multidão ri com zombaria e os juízes aceitam Babe na competição a contragosto, só por causa de um detalhe técnico. O coitado do porquinho tenta de tudo, sem sucesso, até que o cão Rex vai correndo à fazenda e volta para dar a Babe a senha secreta para falar com as ovelhas (certo, talvez a história não seja baseada em eventos reais).

O fim do filme é simplesmente perfeito. Com grande paciência e gentileza, Babe fala com as ovelhas, e elas obedecem à sua voz. As rudes ovelhas executam suas instruções sem nenhum erro. E, quando elas entram no curral de ovelhas e se ouve o clique do portão fechando, a

multidão irrompe em vivas e aplausos. A cena final mostra Babe sentado ao lado do fazendeiro Hoggett — o porco olhando para o fazendeiro e ele olhando para seu peculiar cão de pastoreio. Então Hoggett, com um sorriso de satisfação, fecha o filme com estas palavras: “Arrasou, porco. Arrasou!”.¹

Muito bem, servo bom e fiel!

Este livro analisa se é possível vivermos como cristãos de tal forma que Deus Pai nos olhe lá de cima, sorria e diga: “Arrasou, meu filho. Arrasou!”.

Sabemos que Deus nos aceita em Cristo, que podemos ser justificados pela fé e perdoados por causa do sacrifício de Cristo na cruz. Mas este livro não é sobre ir para o céu. Ele procura responder se, enquanto percorremos o caminho para o céu, estamos condenados a uma vida de culpa, a padrões inalcançáveis e ao fracasso. Será que é possível o cristão não apenas ser perdoado de seus pecados, mas ter uma vida fiel e perdoada, de modo que, quando chegar às portas do céu, Deus o receba com as palavras “Muito bem!”?

Sabemos que isso é possível porque a Bíblia o afirma. Na Parábola dos Talentos, Jesus conta a história de um homem que tem de fazer uma viagem e deixa suas propriedades sob os cuidados de seus servos (Mt 25.14-30). O senhor entregou cinco talentos a um servo, dois talentos a outro e, ao

¹*Babe, o porquinho atrapalhado*. Direção de Chris Noonan. Estados Unidos: Universal Pictures, 1995.